

colecta | *antes de nos sentarmos*

Dizei, Senhor, outra vez a luz – essa sílaba primeira onde o mundo respira – e inclinai sobre os nossos caminhos a vossa claridade nascente, para que, na distância medida pelos passos que se perdem, se reacenda o secreto incêndio do coração, e a palavra, outrora ouvida, rompa de novo a crosta do esquecimento. E quando o entardecer se debruçar sobre a mesa dos exílios, concedei-nos o reconhecimento súbito e inteiro no gesto frágil do pão que se abre, onde a ausência se desfaz e a presença transborda como um nome reencontrado.

Por Jesus, o Cristo, unidos pelo Espírito a vós,
Deus vivo que nos amais pelos séculos dos séculos. Amen.

oblatas | *à mesa*

Eis, Senhor, o que trazemos – não apenas o pão e o vinho, mas a cartografia incompleta dos nossos dias: atalhos sem chegada, vozes interrompidas, o peso mineral das horas que não floresceram. Recebei tudo isso na larga respiração da vossa Páscoa e fazei daquilo que em nós é dispersão uma secreta convergência de sentido, onde o sangue precioso de Cristo, como água infiltrada nas raízes do tempo, nos resgate do vão circuito das sombras e nos reconduza à origem luminosa do dom.

Por Jesus, o vosso Cristo e nosso Senhor. Amen.

final | *já de pé, antes de sairmos*

Damos-Vos graças, Senhor, porque no entrelaçar das mãos e no partir do pão nos tocou a fulguração do invisível, e o tempo, por um instante, se abriu como ferida habitada de luz. Permaneci connosco na dobra incerta das horas e ensinai-nos a escutar o rumor ardente que atravessa as Escrituras e a carne do mundo, para que, libertos da opacidade dos dias, corramos – quase fogo, quase canto – a anunciar que Aquele que foi entregue vive e faz de cada regresso um princípio.

Por Jesus, o vosso Cristo e nosso Senhor. Amen.